

NEM TUDO É SEXTA-FEIRA

PARA CELEBRAR E ENTENDER MELHOR A PÁSCOA



Elben Cesar

ELBEN CÉSAR

NEM TUDO É
SEXTA-FEIRA

PARA CELEBRAR E ENTENDER MELHOR A PÁSCOA

ultimato

VIÇOSA|MG

NEM TUDO É SEXTA-FEIRA

SÉRIE 45 ANOS

Categoria: Devocional | Igreja | Vida cristã

Copyright © Editora Ultimato

Todos os direitos reservados

Primeira edição eletrônica: *Março de 2013*

Capa: *Ana Cláudia Nunes*

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

NEM TUDO É SEXTA-FEIRA

- 1. TRÊS DIAS DE TENSÃO**
- 2. O DRAMA DA CRUZ**
- 3. TIREM O CRUCIFICADO DA CRUZ!**
- 4. O JESUS IMATÁVEL**
- 5. JESUS SAI DA SEPULTURA**
- 6. DA PÁSCOA AO PENTECOSTES**
- 7. JESUS, O CORDEIRO E O LEÃO**

APRESENTAÇÃO

Asérie “45 Anos” coloca à disposição dos leitores uma seleção de títulos em formato digital (e-book), dedicados à celebração de datas especiais em 2013. Assim, a Editora Ultímito quer compartilhar parte do seu acervo – além da contribuição dos seus autores – sobre temas importantes da fé cristã, no ano em que comemora 45 anos de publicação ininterrupta da revista Ultímito.

Nem Tudo é Sexta-Feira é uma coletânea de textos, originalmente publicados pela revista Ultímito, que relembra e ajuda a igreja brasileira a celebrar e entender melhor a Páscoa cristã, a primeira Sexta-feira Santa da história e também o domingo da ressurreição. Na sexta-feira, Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1.29). No domingo, ele é o Leão da tribo de Judá (Ap 5.5).

Nem Tudo é Sexta-Feira é o terceiro e-book da série “45 Anos”, inaugurada com *Era uma Vez um Natal sem Papai Noel*, um devocionário para o mês de dezembro. O segundo título da série, *Igreja Evangélica – identidade, unidade e serviço*, publicado em fevereiro, lembra o legado e a influência do bispo Robinson Cavalcanti, um ano após a sua morte.

Os editores

Na sexta-feira, Jesus...

Assume a culpa de tudo
Dá a sua vida pelas ovelhas
Derrama a sua alma na morte
Morre por decisão própria

No domingo, Jesus...

Deixa o túmulo vazio
Enxuga as lágrimas de Maria
Surpreende a todos
Come com os discípulos

*Por causa da sexta-feira e do domingo,
os cristãos não podem abrir mão...*

Nem do Cordeiro nem do Leão
Nem da morte nem da ressurreição
Nem da Paixão nem da Páscoa
Nem da cruz nem da coroa
Nem do Jesus desfigurado nem do Jesus transfigurado
Nem das vestes tintas de sangue nem das vestes brancas como a luz
Nem da descida aos infernos nem da subida aos mais altos céus.

NEM TUDO É SEXTA-FEIRA

É preciso ficar bem claro que o Filho de Deus não morreu porque o tribunal religioso dos judeus (Sinédrio) e o governador romano (Pôncio Pilatos) o condenaram à morte.

A morte de Jesus não foi um acidente de percurso, nem um mero assassinato, nem um final trágico, nem uma derrota vergonhosa. A morte de Jesus não está envolta em mistério, não é algo inexplicável à vista de seu poder e de seus recursos.

A morte de Jesus foi voluntária, premeditada e anunciada. Embora molhada em sangue, suor e lágrimas, embora árdua e sofrida, embora extremamente dolorosa e humilhante – a morte de Jesus foi a mais cara e mais espetacular vitória de que se tem notícia. Ela tornou viável o perdão de pecados e possível a salvação de todos os que crêem.

Jesus só foi preso e crucificado porque “o Senhor fez cair sobre Ele a iniqüidade de todos nós” (Is 53.6). Daí a explicação de Paulo: “Em Cristo não havia pecado. Mas Deus colocou sobre Cristo a culpa dos nossos pecados para que nós, em união com Ele, vivamos de acordo com a vontade de Deus.” (2 Co 5.21, NTLH.) Daí a explicação de Pedro: “Ele mesmo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, a fim de que morrêssemos para os pecados e vivêssemos para a justiça; por suas feridas vocês foram curados” (1 Pe 2.24, NVI). Daí também a explicação de João: “O sangue de Jesus nos purifica de todo pecado” (1 Jo 1.7). No momento exato em que Jesus entregou o espírito, por volta das 3 horas da tarde daquela sexta-feira, “o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo” (Mt 27.51). Essa cortina espessa e tricolor que separava o santuário do lugar santíssimo, também chamado Santo dos Santos, simbolizava a impossibilidade de o homem, absolutamente pecador, se aproximar de Deus, absolutamente santo.

A morte de Jesus foi o sacrifício que abriu o caminho até Deus. Desde então, “temos plena confiança para entrar no Santo dos Santos [na presença de Deus] por um novo e vivo caminho que Ele nos abriu por meio de véu, isto é, de seu corpo” (Hb 10.19, 20, NVI).

1.

TRÊS DIAS DE TENSÃO

[A PRIMEIRA SEMANA SANTA, PELOS OLHOS DE UM JORNALISTA]

Deixei há instantes, e por três dias apenas, o tempo e a geração em que vivo para ingressar num mundo totalmente diverso. Acabo de firmar meus pés em Jerusalém, a cidade santa. De uma sociedade tecnológica, sofisticada e ameaçada pela automação, transportei-me bruscamente para uma sociedade bucólica, de vinte séculos atrás. Mas aqui também não há paz. A cidade está agitada. A quantidade de turista é enorme. Estamos em meio à primavera, à época das últimas chuvas, exatamente na metade do mês que eles chamam de Nisã, antigamente Abibe,

que é, para os judeus, o primeiro mês do ano sagrado ou o sétimo do ano civil. Corresponde à parte dos meses de março a abril. A cidade está em festa — é a Páscoa. O governador Pôncio Pilatos também encontra-se em Jerusalém e trouxe consigo de Cesaréia tropas adicionais para patrulhar a cidade nestes dias de festividades religiosas. O atual imperador romano é Tibério, enteado de César Augusto.

Confesso-me tonto. Sei de antemão os fatos que hão de se desenrolar no dia de hoje — o mais triste e sombrio da história. Vim até aqui para ver com meus próprios olhos o drama da paixão e acompanhar os eventos que culminaram com a ressurreição do Senhor. Achei que o método mais indicado é gravar minhas impressões e, ao final de cada dia, passá-las para o papel.

O LUGAR DA CAVEIRA (SEXTA-FEIRA)

Ainda não são 9 horas da manhã e já me encontro próximo ao sítio onde Jesus será crucificado. Chama-se Calvário ou Gólgota, palavras que significam crânio ou caveira. Situa-se fora de Jerusalém, perto de um dos portões da cidade e de uma estrada. Sinto forte comoção ao ver Jesus pela primeira vez. Fico pasmado à vista dele, pois seu aspecto está mui desfigurado, mais do que outro qualquer. E é natural, porque Ele passou a noite anterior em claro e numa angústia mortal, já sofreu a negação de Pedro e suportou a mais cruel zombaria e toda sorte de agressões físicas. Simão Cirineu carrega-lhe a cruz.

Jesus é crucificado no meio de dois ladrões, como se fosse contado com os transgressores. Nunca vi tanta loucura na minha vida — até os transeuntes blasfemam dele, dizendo: “Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz”.

A impressão que tenho é que Jesus está sobrecarregado. O mundo inteiro desaba sobre Ele. Lembro-me de Isaías, que profetizou exatamente esse aspecto da paixão: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, as nossas dores, o castigo que nos traz a paz, a iniqüidade de nós todos, o pecado de muitos. Percebo e entendo também que Jesus, por incrível que possa parecer, está

sendo castigado. (Paulo não dirá mais tarde que Deus “não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou”?) Dói-me horrivelmente ouvir o grito de angústia que Ele solta por volta das 3 horas da tarde: “Eli, Eli lemá sabactâni”, que quer dizer: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

Embora informado sobre as trevas, não deixo de me assustar com a escuridão que cai sobre nós das 12 às 15 horas. Eclipse do sol não é porque estamos na lua cheia. A coincidência do fenômeno natural ou sobrenatural com o dia e o momento da morte daquele que é a luz do mundo causa-me e a outras pessoas uma atitude de temor e tremor.

Jesus não aceita vinho misturado com mirra — uma espécie de entorpecente ou narcótico. Assim Ele pode manter suas faculdades mentais até o fim. Tenho para mim que a morte de Jesus é consciente e voluntária até o desenlace final. Ouço-o clamar: “Pai, nas tuas mãos entrego meu espírito”. Agora é fácil entender a profecia de Isaías — “Ele derramou a sua alma na morte” — e a palavra do próprio Jesus: “Ninguém tira a minha vida de mim; pelo contrário eu espontaneamente a dou”.

É uma tarde horrível! Sinto o tremor de terra, vejo as rochas se fenderem e os sepulcros se abrirem. Ouço o comandante do destacamento, cujos soldados torturaram o Senhor, declarar que Jesus é verdadeiramente o Filho de Deus. Vejo as multidões abandonando o local, tomadas de pavor. Presencio a atitude corajosa de José de Arimatéia e Nicodemos ao retirarem o corpo de Jesus da cruz.

Não vou ao lugar de sua sepultura. Estou emocionalmente tenso e cansado. Hospedo-me em casa de uma família próxima ao templo. Dão-me uma bacia com água para eu lavar as mãos e servem-me pão, caldo de carne e queijos. Torno a lavar as mãos depois da refeição e vou dormir. Já é sábado. Desde as 18 horas.

O LUGAR SANTÍSSIMO (SÁBADO)

O templo é enorme, mas ainda está em construção. Foi iniciado 19 anos antes do nascimento de Cristo. É obra de Herodes, para agradar aos judeus. A visita ao templo prende-se ao meu particular

e incontrolável interesse na ruptura da cortina que separava o santo lugar do santuário mais interno, chamado o santo dos santos ou o lugar santíssimo. Mateus, Marcos e Lucas contarão que essa cortina se rasgou de alto a baixo no momento em que Jesus rendeu o espírito fora dos muros de Jerusalém. Agora eu quero ver isso com meus próprios olhos, pois o acontecimento não é de somenos importância. Significa o fim da separação entre Deus e o homem. E de fato vejo. É impressionante! Não é possível deixar de lado esse evento. Ele terá de influir na mentalidade hebraica e alterar profundamente a posição de seus sacerdotes.

(Lembro-me da informação que Lucas dará alguns anos mais tarde, a respeito da conversão de “muitíssimos sacerdotes”.) É a primeira vez em vários séculos de culto, primeiro no tabernáculo (templo móvel usado por Moisés na travessia do deserto) e depois sucessivamente no primeiro templo (construído por Salomão), no segundo templo (erguido pelos exilados de volta à terra com permissão de Ciro e transformado em fortaleza pelos macabeus) e no terceiro templo (o de Herodes), que a cortina ou o véu deixa de ocultar o lugar santíssimo. Ora, todos sabem que apenas o sumo sacerdote, uma única vez por ano, no dia nacional da expiação, pode penetrar além do véu. Não esconde a intrepidez de que sou tomado para entrar na presença de Deus, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que Ele nos consagrou pelo véu, isto é, por sua carne! Em qualquer circunstância, em qualquer tempo, em qualquer lugar. Aleluia!

O LUGAR DO SEPULCRO (DOMINGO)

Faço uma grande madrugada no primeiro dia da semana. Preciso documentar os fatos sensacionais que se darão neste dia. Não permitirei que as mulheres da Galiléia cheguem antes de mim ao túmulo novo de José de Arimatéia, onde o corpo de Jesus foi colocado, depois de embalsamado com um composto de mirra e aloés. Posto-me silenciosamente em um lugar de onde possa ver tudo sem ser visto. Ao redor do túmulo há um jardim. A luz da lua cheia deixa tudo às claras. Vejo a escolta que monta

guarda ao sepulcro, desde ontem, sábado, por ordem de Pilatos e a pedido dos principais sacerdotes e fariseus. Os soldados não estão dormindo.

Eis o que subitamente se dá: 1) um anjo do Senhor desce do céu, chega, remove a pedra que José rolou para a entrada do túmulo e assenta-se sobre ela; 2) os guardas levam tamanho susto, que caem e tornam-se como mortos; 3) Maria Madalena, Maria (mãe de Tiago), Salomé e outras piedosas mulheres que acompanhavam Jesus desde a Galiléia e o serviam com seus bens, ao despontar do sol, vêm ao sepulcro, vêem a pedra removida e entram no túmulo. O anjo, um jovem vestido de branco, explica que Jesus ressuscitou, não está mais ali, e pede que elas anunciem essas coisas aos discípulos. As mulheres se retiram; 4) algum tempo depois dois homens entram apressadamente no jardim. Um deles chega primeiro ao sepulcro e pára. É João, o discípulo a quem o Senhor amava. O outro chega e vai logo entrando. É Pedro. Então João também entra. Ambos ficam maravilhados com a ausência do corpo de Jesus e com os lençóis de linho ainda estendidos na laje e voltam para a cidade; 5) Maria Madalena torna ao sepulcro. Ela é a primeira pessoa a ver o Senhor ressuscitado. A princípio, confunde-o com o jardineiro. Mas quando Ele fala: “Maria!”, ela o reconhece e lhe diz simplesmente: “Raboni!” (Raboni é uma forma intensificada de rabi, que quer dizer “meu professor”).

Posso perceber que os discípulos não esperam a ressurreição de Jesus e aceitam-na apenas porque contra os fatos não há argumento. (A expressão que Lucas empregará mais tarde é muito oportuna: Jesus “se apresentou vivo com muitas provas infalíveis”). Não há disposição para aceitar a ressurreição. É mais provável que haja uma auto-sugestão negativa, isto é, predisposição contra a ressurreição de Jesus. Todos ficam tomados de perplexidade, de profunda admiração e de novo alento.

Ao cair da tarde, quando me preparam para retornar ao século XX, passo pela casa onde os onze apóstolos e os discípulos improvisam uma reunião para relatar e harmonizar os últimos acontecimentos. Pedro acaba de contar que o Senhor lhe apareceu. Entram na sala dois discípulos vindos de Emaús, narrando

como o Senhor andou e conversou com eles um bom pedaço de chão e como se assentou à mesa com eles. Falam ainda essas coisas quando o próprio Jesus aparece no meio deles, saudando-os à hebraica: “Paz seja convosco”. Sinceramente, a emoção é forte demais e eu resolvo dar por encerrada a minha visita a Jerusalém. Concordo plenamente com A.J. Macleod, capelão da igreja da Escócia na *Iraq Petroleum Co.*: “A vinda de Jesus ao mundo constitui uma crise na história mundial, obrigando os homens, pelos fatos apresentados, ou a virem para a luz, ou a permanecerem nas trevas”.

2.

O DRAMA DA CRUZ

**NO JARDIM DO GETSÊMANI NOSSA SALVAÇÃO
ESTAVA POR UM FIO – MAS O FIO ERA DE AÇO!**

“Jesus teve as mesmas tentações que nós temos, ainda que ele nunca cedeu a elas nem pecou” – é o que diz a Bíblia (Hb 4.15, BV). Porém, nenhum de nós passou por uma tentação tão difícil como a que ele experimentou na madrugada de seu último dia de vida.

O MOMENTO DA TENTAÇÃO

Aconteceu logo após o programa da reunião de despedida realizada no cenáculo de Jerusalém na noite de quinta para sexta-feira. Logo após o lava-pés, a celebração da Páscoa, a instituição da Santa Ceia, a exortação “não se perturbe o coração de vocês”, a promessa de outro Consolador, o discurso da Videira verdadeira, o adeus final, a oração intercessória e o cântico de um dos salmos.

O AMBIENTE DA TENTAÇÃO

Em certa altura do Monte das Oliveiras, a 830 metros de altura, fica o Jardim do Getsêmani, do outro lado do ribeiro Cedrom, lugar onde costumeiramente Jesus e seus discípulos oravam (Jo 18.2). Foi exatamente ali que aconteceu a última e mais feroz tentação de Cristo. O fato de ter sido num jardim lembra o jardim do Éden, onde se deu a primeira tentação da história humana, quando o pecado entrou no mundo. O detalhe de que o Getsêmani ficava do outro lado de Cedrom (Jo 18.1), lembra a experiência mais dramática de Jacó, quando ele lutou com Deus e venceu, do lado de cá do ribeiro Jaboque. Era um ambiente aberto e bucólico, numa madrugada de lua cheia.

AS ANDANÇAS DE JESUS

Logo na entrada do jardim, Jesus deixa alguns discípulos no ponto “A” e leva outros três para o ponto “B”, um pouco mais na frente. Em seguida, sozinho, avança mais um pouco e chega ao ponto “C”. Depois, faz duas vezes o percurso de ida e volta entre o ponto “C” e o ponto “B”. Ele parece agitado. O que era muito razoável, já que, nos momentos seguintes, ele seria traído com um beijo, negado três vezes pelo próprio Pedro, condenado como réu de morte por um tribunal religioso, açoitado, espancado, ridicularizado (cruz de espinhos na cabeça e cetro de caniço na mão direita), entregue para ser morto pela justiça romana e pregado numa cruz. Se ele não estivesse disposto a beber o cálice, nada disso aconteceria.

OSCILAÇÕES DE HUMOR

Ao chegar ao ponto “B”, na companhia de Pedro, Tiago e João, Jesus “começa a entrar em depressão e a angustiar-se” (Mt 26.37). Antes, ele não estava nem triste nem angustiado, a ponto de afirmar aos seus discípulos, enquanto no cenáculo: “Tenho-lhes dito estas

palavras para que a minha alegria esteja em vocês e a alegria de vocês seja completa” (Jo 15.11). Com Ana, mulher de Elcana e mãe de Samuel, aconteceu o inverso: ela passou da tristeza para a alegria depois de ter orado no templo (1Sm 1.18).

DESABAFO

Nunca ninguém fez o que Jesus faz na parada do meio (o ponto “B”). O Verbo feito carne, a imagem visível do Deus invisível, o enxugador de lágrimas alheias, o Todo-poderoso que acalma o mar e repreende o vento, o perdoador da mulher adúltera e da mulher pecadora, o médico dos médicos, o ressuscitador de mortos – abriu seu coração com Pedro, Tiago e João e desabafou: “A minha alma está profundamente triste até a morte” (Mt 26.38). O texto é mais dramático na NTLH: “A tristeza que estou sentindo é tão grande, que é capaz de me matar”.

TRINTA METROS ADIANTE

Enquanto os três amigos não conseguem vencer o sono, Jesus, a sós no ponto “C”, encosta a parte mais alta do corpo no chão e ora ao seu Pai: “Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres” (Mt 26.39). O teor dessa oração, que seria repetida duas vezes, mostra qual é a tentação pela qual Jesus está passando. É uma tentação atroz: a vontade surpreendente de não beber o cálice transbordante da ira de Deus que iria atingir o ser humano por culpa do seu pecado, caso ele não o bebesse. Alguns dias antes, estando ainda em Cesaréia de Filipe, ao norte da Galileia, ele havia sido tentado por Pedro a ter compaixão de si mesmo e evitar a cruz (Mt 16.21-23).

ORAÇÃO SUBMISSA

Embora totalmente livre e soberano, Jesus autoriza: “Não seja feito o que quero [no presente momento da tentação], mas o que tu

queres” (Mt 26.39, 42). Em outras palavras, Jesus está dizendo: “Eu quero a tua vontade e não a minha” (BV). Jesus é coerente com o modelo de oração que ele havia ensinado: “Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra [no jardim do Getsêmani, aqui e agora] como no céu” (Mt 6.10). No início daquela semana, pouco depois da entrada triunfal em Jerusalém, Jesus já estava afirmando sua submissão ao sacrifício: “Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora” (Jo 12.27).

TENTAÇÃO ABSURDA

Já que sacrifícios e holocaustos de animais não podem em absoluto remover pecados, Jesus, antes mesmo de sua encarnação, havia se oferecido para entregar seu próprio corpo como oferta definitiva pelo pecado: “Estou aqui, ó Deus, venho fazer a tua vontade” (Hb 10.7, NTLH). Agora, no Getsêmani, uma vontade contrária e circunstancial muito forte toma conta dele. Todo o esquema de salvação, na antiga e na nova aliança, fica dependurado por um fio. Tornam-se tremendamente incertas a justificação, a santificação e a glorificação do miserável pecador!

TOTALMENTE IMPOSSÍVEL

É verdade que Jesus usou a condicional “se possível” na oração do Getsêmani. Mas não era possível, a bem do pecador, afastar de Jesus o cálice da salvação. Desde o Jardim do Éden, desde a queda, “não havendo derramamento de sangue, não há perdão de pecados” (Hb 9.22, NTLH). Nossa redenção não é por meio de coisas perecíveis como prata ou ouro, “mas pelo precioso sangue de Cristo, como um cordeiro sem mancha e sem defeito”, planejada antes da criação do mundo (1Pe 1.18-21). É o sangue de Jesus que nos purifica de todo pecado (1Jo 1.7). Todo o processo depende de Jesus, dependia da cruz. Jesus não podia falhar ~ e não falhou.

GOTAS DE SANGUE

O sofrimento é tão grande que o suor de Jesus fica vermelho, transforma-se em gotas de sangue cai no chão, onde está o seu rosto (em termos médicos, o que acontece é uma hematidrose). O sofrimento é tão grande que Jesus resolve orar mais intensamente (a oração é um recurso para ele e para nós, em qualquer drama). O sofrimento é tão grande que vem ao seu encontro um anjo do céu que o conforta e lhe dá bom ânimo, ajuda indispensável para quem precisa vencer uma batalha ou uma tentação. Trinta e poucos anos antes, uma multidão do exército celestial havia irrompido nos céus de Belém para comunicar e festejar o nascimento de Jesus (Lc 2.13-14).

TENTADO, MAS NÃO VENCIDO

De repente, a vontade espúria diminui e desaparece, e a vontade legítima volta a vingar e prevalece. A tempestade passa, a crise acaba, a tentação é vencida e o processo de salvação continua. Jesus levanta a cabeça, reúne os discípulos, entrega-se corajosamente aos seus algozes, caminha para a cruz, toma sobre si a iniquidade de todos nós, derrama sua alma na morte e realiza plenamente o seu projeto! O fio no qual a nossa salvação estava dependurada não se rompe. A expiação dos nossos pecados foi tão plenamente cumprida que o véu do templo, naquele mesmo dia, se rasgou por inteiro de alto a baixo! Aleluia!

3.

TIREM O CRUCIFICADO DA CRUZ!

Enquanto o sol estava nascendo em Jerusalém na primeira Sexta-feira Santa da história, o mais destacado dos doze apóstolos esvaziou-se de sua coragem e encheu-se de medo, o que o levou a negar por três vezes consecutivas o Senhor Jesus Cristo (Lc 22.54-62). Enquanto o sol estava se pondo naquele mesmo dia e lugar, um dos mais destacados dos 71 membros da Suprema Corte judaica (mais conhecida como Sinédrio) esvaziou-se de sua timidez e encheu-se de coragem, o que o levou a tirar o corpo morto de Jesus da cruz (Lc 23.50-53). Se ficasse lá, seria jogado numa vala qualquer e comido por cães e abutres como costumava acontecer.

O gesto de José de Arimatéia precisa ser repetido hoje. A cruz tem um valor imenso, mas vazia, sem o crucificado, pois o seu corpo já não está pregado nela nem deitado sobre a lápide fria do sepulcro novo do homem rico de Arimatéia.

O professor Vittorino Grossi, do Augustinianum, de Roma, lembra que “a figura humana do crucificado não se encontra a não ser na primeira metade do quinto século”. A mais antiga até agora conhecida, a de Cristo nu na cruz, está no Museu Britânico, em Londres. Pouco mais de cem anos depois, espalhou-se no Oriente uma figura dramática da crucificação, mostrando o Senhor morto, desta vez vestido com o colobium (uma túnica sem mangas). Até então, as cruzes que enfeitavam os monumentos fúnebres eram cruzes sem o crucificado.

Vincenzo Battaglia, professor de teologia dogmática no Pontifício Ateneu Antonianum, em Roma, usa uma expressão muito feliz, que encoraja a retirada do crucificado da cruz. Ele chama Jesus de “Crucificado Ressuscitado”. Os dois fatos – a crucificação e a ressurreição – são inseparáveis, e um não é mais importante que o outro, nem pode ofuscar o outro.

Chama-se de crucifixo o objeto, esculpido ou modelado, que representa Cristo na cruz. Foi João VII, o 86º papa, entronizado em março de 705, o primeiro a consagrar o uso do crucifixo. A partir daí parece que houve uma ênfase artística cada vez maior no sofrimento de Jesus. No século 13, a coroa real foi substituída pela coroa de espinhos e a fronte de Cristo começou a se inclinar para a terra. Os crucifixos gregos do século 14 eram figuras grotescamente retorcidas e esguichando sangue. Um século antes da Reforma Protestante, os artistas já haviam substituído no imaginário e no espírito dos fiéis a idéia do triunfo de Jesus sobre a cruz pelo sentimento melancólico e vazio da compaixão. Passou-se a ter pena de Jesus, perdendo-se por completo a compreensão real da cruz e desfocalizando por completo a ressurreição. Foi por essa razão que o jovem missionário inglês Henry Martin, depois de passear por Salvador, enquanto o navio que o levaria à Índia permanecia atracado ao porto, no remoto 1805, registrou em seu diário: “Há cruzes em abundância, mas quando será pregada a doutrina da cruz?”.¹

Em 1570, durante o pontificado de Pio V, que revisou o Missal Romano, em decorrência do Concílio de Trento, encerrado sete anos antes, tornou-se obrigatória a colocação do crucifixo sobre ou acima do altar. Até então, só o cálice, a pátena (disco de ouro que cobre o cálice), o pão e o vinho eram colocados naquele lugar sagrado. A regra atual é colocar o crucifixo no centro do altar durante a celebração da missa.

O grande problema do crucifixo é que ele passou aos fiéis de tradição católico-romana a idéia do Cristo morto, tremendamente arraigada na cultura popular, em especial nos países ibéricos e em toda a América Latina.

Enquanto não tirarmos o crucificado da cruz, não será fácil oferecer séria e bem-sucedida resistência à nova onda de violência midiática contra o Jesus das Escrituras, que, como lembra John Stott “não é homem disfarçado de Deus nem Deus disfarçado de homem, mas homem e Deus ao mesmo tempo”.² O Jesus, que “é a imagem [visível] do Deus invisível” (Cl 1.15), passou pela cruz, mas não permaneceu na cruz. O cristão que não vê Cristo nem na cruz nem na tumba, mas consegue ver o Senhor ressuscitado e assentado à direita de Deus, não se perturba com os muitos livros e as muitas revistas que enchem o mercado livreiro e as bancas de jornal com muitas bobagens e blasfêmias contra o “Crucificado Ressuscitado” do professor Battaglia. A “Superinteressante” de julho de 2008 (edição especial), por exemplo, traz outra vez à tona a passagem de um evangelho apócrifo (“O Evangelho de Felipe”, do segundo século), que diz que “o Senhor amava Maria [Madalena] mais do que a todos os discípulos e a beijava freqüentemente na boca”.³ E, para obrigar o leitor a acreditar nessa fantasia, a revista declara que a igreja manipulou os evangelhos, reconhecendo como canônicos apenas os livros que confirmavam a verdadeira tradição cristã.

NOTAS

1. “História Documental do Protestantismo no Brasil”, p. 29.

2. “Cristianismo Básico”, p. 27.

3. “Superinteressante”, jul. 2008, edição 254-A, p. 37.

4.

O JESUS IMATÁVEL

“Se Jesus não tivesse entregue a si mesmo, ninguém o teria entregue” (Santo Agostinho)

Para abordar a riqueza toda de Jesus Cristo não há outro jeito senão inventar palavras, como imatável, que soa melhor do que inassassinável.

Que Jesus rompeu os grilhões da morte “porque era impossível que a morte o retivesse” (At 2.24), todo mundo sabe. Que Jesus estava com Deus e era Deus no princípio mais distante no tempo e no espaço (Jo 1.1), ninguém duvida. Que Jesus é o Alfa e o Ômega”, o que é, o que era e o que há de vir” (Ap 1.8), os verdadeiros cristãos professam com absoluta segurança. Mas que Jesus é imatável, soa como surpresa para muita gente. Talvez não haja palavra mais apropriada para mostrar a

autoridade de Jesus sobre sua própria vida. Jesus é imatável porque ele não pode em hipótese alguma e em tempo algum ser morto. Foi o Senhor mesmo quem o declarou: “Ninguém [...] tira [a minha vida de mim], mas eu a dou por minha espontânea vontade. Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la. Esta ordem recebi de meu Pai” (Jo 10.18). Todas as vezes que os cristãos comemoram a morte vicária e a ressurreição de Jesus por meio da celebração da Ceia do Senhor, a idéia do Jesus imatável vem à tona. Pois o oficiante repete as palavras de Jesus pronunciadas no cenáculo na noite de quinta para sexta-feira da semana da paixão: “Isto é o meu corpo, que é dado [ou entregue ou partido] em favor de vocês” (1Co 11.24). Quando o Verbo tornou-se carne e viveu entre nós, visível, audível e palpável, por um período em torno de 33 anos, houve pelo menos três sérias tentativas de morte contra ele, todas infrutíferas, o que naturalmente reforça a tese do Jesus imatável.

PRIMEIRA TENTATIVA

Quando o rei Herodes, o Grande, ouviu os magos se referirem a Jesus como “rei dos judeus”, ele se perturbou e tentou localizar o recém-nascido em Belém para lhe tirar a vida. Como os magos não lhe deram a informação, Herodes “ficou furioso e ordenou que matassem todos os meninos de dois anos para baixo, em Belém e nas proximidades” (Mt 2.16). Ora, Herodes era um adversário de peso, um homem sem escrúpulos, perigoso e cruel, que já havia mandado matar a sogra Alexandra, os cunhados Aristóbulo e Costobardes, a esposa Mariane e os filhos Alexandre e Antípatro. Ele tinha 70 anos na época da matança dos inocentes de Belém, uns vinte meninos de peito. Mas Jesus não estava entre eles, pois José, por orientação divina, já o havia levado a salvo para o Egito (Mt 2.13-14).

SEGUNDA TENTATIVA

“Jesus tinha cerca de trinta anos quando começou o seu ministério” (Lc 3.23). Certo sábado, entrou na sinagoga de Nazaré, cidade da Galiléia, onde havia crescido, leu duas passagens de Isaías (58.6; 61.1-2) e acrescentou solenemente: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir”. Todos o escutavam com interesse e admiração. Mas, quando Jesus engrossou o discurso, eles reagiram: “Todos na sinagoga se indignaram [e] levantando-se, expulsaram-no para fora da cidade e o levaram a um precipício do monte sobre o qual estava construída a cidade, com intenção de precipitá-lo de lá” (Lc 4.28-29, BP). Que Jesus correu sério risco de vida nesse lugar e nesse momento, não resta a menor dúvida. Ele estava no meio de pessoas “tomadas de cólera” (na versão da Comunidade de Taizé) e num lugar perigoso (à beira de um abismo), porém, nenhum mal lhe aconteceu, pois Jesus estranhamente “passou pelo meio da multidão e foi embora” (Lc 4.30, NTLH). Então ele se dirigiu para Cafarnaum, mais ao norte, uma cidade ao noroeste do mar da Galiléia.

TERCEIRA TENTATIVA

Por não ter princípio nem fim, por ser auto-existente, por ser eterno, obviamente Jesus era mais velho que todos os personagens do Antigo Testamento, tais como Isaías (que viveu 700 anos antes de seu nascimento), Davi (que viveu 1.000 anos antes), Moisés (que viveu 1.500 anos antes) e Abraão (que viveu 2.000 anos antes). Isso quer dizer que Jesus não mentiu nem blasfemou ao declarar aos judeus com toda a simplicidade e clareza: “A pura verdade é que Eu já existia antes de Abraão nascer!” (Jo 8.58, BV). Na verdade, Jesus foi muito mais peremptório, por ter usado o título divino “Eu Sou” (ou “Eu Existo”), cujo verbo está no presente. Foi com esse nome que Deus se apresentou a Moisés quando o incumbiu de retirar o povo de Israel do Egito (Êx 3.14-15). Porque não reconheciam Jesus como Deus em figura humana, os judeus não acreditaram nele e entenderam que ele estava blasfemando o

santo nome de Deus e, portanto, de acordo com a lei, era réu de morte (Lv 24.15-16). “Então eles apanharam pedras para apedrejá-lo” (Jo 8.59). O Evangelho de João não entra em detalhes, assim como o de Lucas no episódio anterior, de Nazaré. Diz apenas: “Jesus se ocultou [ou se escondeu] e saiu do templo”.

O QUE ACONTECEU NA SEXTA-FEIRA

A prisão e a morte de Jesus na sexta-feira anterior à ressurreição não colocam em dúvida a sua já citada declaração: “Ninguém tira a minha vida de mim”. Nem desacreditam a sábia observação de Santo Agostinho: “Se Cristo não tivesse entregue a si mesmo, ninguém o teria entregue”. Aliás, é pertinente lembrar que Jesus não é apenas imatável, ele é também imprendível. Embora os judeus tivessem tentado prendê-lo várias vezes, não conseguiram porque, como João mesmo registra, “a sua hora [de ser preso e morto] ainda não havia chegado” (Jo 7.30; 8.20). Ambos os infortúnios (prisão e morte) e ambas as manifestações gloriosas (ressurreição e ascensão) estavam em sua agenda e iriam se concretizar no tempo oportuno, uma coisa depois da outra. Quando chegou a hora exata de sua prisão e morte, o próprio Jesus o admitiu: “Eis que se aproxima o momento, e já chegou” (Jo 16.32, TZ). Somente aí, na manhã de sexta-feira, nem antes nem depois, Jesus foi preso, e, cerca de nove horas depois, morto. Poucos dias antes, frente ao sofrimento prestes a chegar, o Senhor suspirou: “Agora estou sentindo uma grande aflição. O que é que vou dizer? Será que vou dizer: Pai, livra-me desta hora de sofrimento? Não! Pois foi para passar por esta hora que eu vim” (Jo 12.27, NTLH).

Antes de afirmar que ninguém teria o poder ou a ocasião de lhe tirar a vida, Jesus se apresentou como o bom pastor e definiu o caráter do pastor não-mercenário: “O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas” (Jo 10.11).

Em meio aos acontecimentos da Sexta-feira da Paixão há pelo menos mais duas evidências de que Jesus é de fato imatável. Quando Pedro puxou a espada para defender o Senhor no Jardim do Getsêmani, Jesus ordenou que ele recolhesse a arma e lhe disse:

“Você não percebe que eu poderia pedir ao meu Pai milhares de anjos [mais de doze legiões de seis mil seres extra-terrestres] para nos protegerem, e Ele os mandaria no mesmo instante?” (Mt 26.53, BV). Em outras palavras, Jesus estava explicando: “Eu posso escapar de mais esta série tentativa de morte, como escapei das anteriores, mas, desta vez, não o farei”. Quando Pôncio Pilatos caiu na asneira de dizer a Jesus que, na qualidade de governador romano, tinha poder para libertá-lo ou crucificá-lo, o Senhor respondeu de pronto: “Não terias nenhuma autoridade sobre mim, se esta não te fosse dada de cima” (Jo 19.10).

A INEFÁVEL GENEROSIDADE DE DEUS

Ninguém deve nem sequer imaginar que a renúncia de Jesus em usar sua ilimitada autoridade (Mt 28.18) e seus extraordinários recursos em favor da liberdade e da vida foi algo suportável e fácil, à vista de sua dupla natureza (humana e divina). Naquele dia sombrio (as trevas cobriram toda a terra do meio dia às três horas da tarde), Jesus deixou-se prender (ele foi amarrado, algemado) e deixou-se matar (ele foi espancado, esbofeteado, açoitado, ferido e crucificado). Jesus não foi anestesiado antes de ser desprezado e rejeitado pelos homens, atingido e afligido por Deus (como representante do homem pecador), traspassado e esmagado por causa de nossas iniquidades, e finalmente levado para o matadouro e eliminado da terra dos viventes (Is 53). Durante os seus trinta e poucos anos de permanência no tempo e na história e na companhia dos homens (Jo 1.14), em nenhum momento Jesus abriu mão de sua divindade nem de sua humanidade. Na madrugada daquela sexta-feira no Getsêmani, Jesus começou a entristercer-se e angustiar-se e desabafou com seus discípulos: “A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal” (Mt 26.38). Ele chegou a desejar o afastamento do cálice de sofrimento e morte, na famosa oração três vezes feita com o rosto em terra: “Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero [neste momento], mas sim como tu queres” (Mt 26.39). A prisão e a morte de Jesus Cristo não foram encenações teatrais,

mas experiências vividas. Os dois infortúnios atingiram aquele corpo gerado pelo Espírito Santo no ventre de uma mulher virgem, que quase foi morto por Herodes ao nascer e que então morreu por sua espontânea vontade. É por isso que os celebrantes da Santa Ceia repetiu sempre: “Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês” (1Co 11.24). Paulo deixa bem claro que a reconciliação entre Deus e os homens foi feita “por meio da morte do seu próprio corpo humano na cruz” (Cl 1.22, BV). Porque Jesus é imprendível e imatável, mas deixou-se prender e matar em benefício da nossa plena redenção, “agradeçamos a Deus o presente que ele nos dá [o próprio e único filho], um presente que palavras não podem descrever” (2 Co 9.15, NTLH)!

5.

JESUS SAI DA SEPULTURA

Jesus ficou pouco tempo no túmulo de José de Arimatéia. Seu corpo não chegou a apodrecer nem cheirar mal como o corpo de seu amigo Lázaro. Cerca de 36 horas depois de morto, Jesus se pôs em pé dentro do túmulo. Ele não precisou levantar a pedra que tampava a entrada do túmulo. Do lado de fora já havia um anjo fazendo isso. Os anjos sempre estiveram a serviço de Jesus. Foram eles que lhe ofereceram comida depois de seu jejum de 40 dias e depois de Ele ser tentado pelo diabo. Foram eles que alegraram Jesus quando Ele estava tremendamente triste no Jardim do Getsêmani. Foram eles que avisaram Maria que ela seria a mãe de Jesus. Foram eles que avisaram José

que Maria estava grávida por obra do Espírito Santo. Foram eles que fizeram aquela grande festa nos céus de Belém no dia do nascimento de Jesus.

Era de todo impossível que Jesus continuasse morto, pois Ele tinha todo o poder sobre a morte. Ele mostrou isso pelo menos em três ocasiões. Quando devolveu a vida à filha de Jairo, que havia acabado de morrer; quando devolveu a vida ao filho da viúva de Naim, cujo corpo estava sendo levado para o cemitério; e quando devolveu a vida ao irmão de Maria e Marta, cujo corpo já estava no cemitério. Agora, era a vez do próprio Jesus tornar a viver e sair do túmulo.

Várias vezes Jesus avisou que passaria pessoalmente pela experiência da morte. Mas todas as vezes que anunciarava a própria morte, Ele anunciarava também a sua ressurreição. Certa vez, Jesus fez uma comparação com a experiência de Jonas. Assim como esse profeta esteve três dias e três noites na barriga de um grande peixe e depois foi vomitado numa praia, assim Ele próprio estaria no interior da terra por três dias e três noites e depois sairia de lá.

O lugar dos mortos é o cemitério. Mas quando o morto torna a viver, o lugar dele já não é o cemitério. Foi isso que os anjos disseram às mulheres quando elas foram perfumar o corpo de Jesus naquele domingo bem cedo: “Por que vocês estão procurando entre os mortos quem está vivo?”

A partir daquele momento, Jesus se apresentou vivo com muitas e valiosas provas. Esse acontecimento mudou totalmente todos os discípulos por toda a vida.

6.

DA PÁSCOA AO PENTECOSTES

CINQUENTA DIAS DE IMPACTO

Meu nome é Nicanor, que quer dizer vitorioso, ou aquele que ganha uma esposa ou um amigo. No meu caso, ganhei tanto uma esposa (chama-se Ninfá) como um amigo. Fui eleito diácono há cerca de duas semanas. Sirvo a comunidade dos discípulos aqui em Jerusalém, onde moramos há muitos anos e onde vi as coisas mais impressionantes da minha vida. Conheci Jesus Cristo, o Nazareno, de vista, e hoje o conheço pela fé. Conheço mais agora do que antes. Ele é o tal amigo a que me referi.

Não sou cristão há muito tempo. Converti-me ao cristianismo no dia da cura do coxo de nascença, à porta chamada Formosa, do templo de Herodes. Fí-lo de maneira consciente e definitiva sob o impacto de uma série de ocorrências notórias e marcantes. Quando o apóstolo Pedro apresentou-nos a possibilidade de começarmos a vida nova por meio do arrependimento de nossos pecados e da conversão a Deus, a fim de que da presença do Senhor viessem tempos de refrigério, eu disse comigo mesmo: “é agora”. Eis as circunstâncias e os eventos que culminaram com a minha decisão naquela tarde no pôrtico de Salomão.

O IMPACTO DA MORTE DE JESUS

Embora o povo tenha pedido a Pilatos que Jesus fosse crucificado, sua morte causou em todos nós um tremendo impacto. Ele não era um João-ninguém. Todos o conheciam, se não pessoalmente, pelo menos de vista ou de ouvir falar. Até no exterior Jesus era conhecido e alguns estrangeiros vieram a Jerusalém para se encontrar com Ele. As palavras candentes, as demonstrações inequívocas de autoridade e poder, o caráter inatacável, a dedicação extrema ao sofrimento humano, a simplicidade de sua vida — eram recentes demais para descer ao esquecimento total. A pessoa dele era de fato acentuadamente controvertida, mas isso não atenuou o choque provocado por sua morte em circunstâncias tão humilhantes e numa idade tão jovem. Os fenômenos ocorridos na tarde daquela parasseve pascal criaram uma situação de angústia. Era-nos difícil esperar a incidência do tremor de terra com a morte de Jesus. Alguns começaram a mudar de idéia a respeito dele imediatamente. Inclusive o comandante do destacamento militar que crucificou a Jesus. Na verdade, ninguém estava seguro de que não se havia cometido um crime. Sobre muitos pairava um misto de melancolia e remorso.

O IMPACTO DO SUICÍDIO DE JUDAS

A notícia do suicídio de Judas chegou rapidamente ao conhecimento de todos os habitantes de Jerusalém. Eu vi o corpo arrebentado

e os intestinos derramados. Paralelamente correu o rumor de que ele era discípulo de Jesus e o havia traído por trinta moedas de prata, pagas pelos principais sacerdotes. Se Judas tivesse agido acertadamente, em nome da ortodoxia e a bem do povo, ele não cairia nas malhas do remorso nem no abismo do desespero. Além do mais, ficavam a descoberto a cumplicidade e o mau caráter do clero. A morte de Judas transformou a marcha e a interpretação dos eventos. Pelo menos para mim.

O IMPACTO DA RESSURREIÇÃO DE JESUS

Três dias depois da morte de Jesus, no primeiro dia da semana, espalhava-se em Jerusalém a estranha notícia de que Ele havia ressuscitado de entre os mortos. As primeiras informações não eram muito precisas. Antes que a população da cidade se deixasse levar por aquela notícia, circulou uma outra, esta oficial, negando terminantemente a ressurreição e explicando que os discípulos de Jesus haviam roubado o corpo na noite de sábado para domingo. Embora ainda alimentasse alguma dúvida, fiquei profundamente abalado com o acontecimento. Se fosse verdade, pensei comigo, eu precisaria tomar algumas decisões bastante sérias. Afinal, ninguém procurou encontrar o corpo de Jesus — e se o procurou, não o encontrou. Na minha opinião, o poder civil ou o clero deveria buscá-lo até encontrar para desmascarar publicamente os que diziam ter visto o Senhor ressuscitado. Depois, entendi que os sacerdotes e os soldados não perderiam tempo com isso, porque a notícia do roubo do corpo era falsa e havia sido fabricada por eles.

O IMPACTO DA ASCENSÃO DE JESUS

Segundo informações colhidas em Jerusalém, Jesus apareceu de muitas maneiras a seus discípulos durante quarenta dias. Ele falava sempre sobre o reino de Deus, não no aspecto político, mas no sentido espiritual. Disseram-me com certeza que, certo dia, o mesmo Jesus foi elevado às alturas, à vista de várias pessoas. Uma nuvem

o encobriu e Ele desapareceu para sempre. Então dois homens vestidos de branco se puseram ao lado deles e explicaram que aquela cena não era o fim de tudo, pois Jesus voltaria do mesmo modo como o viram subir. Pouco antes de ser assunto aos céus, Jesus deu ordem expressa para que os apóstolos não se retirassesem de Jerusalém, mas esperassem lá o derramamento do Espírito Santo. Ele deixou bem claro que este batismo especial, de fogo, seria de suma importância para eles. Significaria a concessão de poder para selar o testemunho que haveriam de dar ao mundo inteiro, tanto em Jerusalém, como em toda a região da Judéia e Samaria, e até nos lugares mais distantes da terra.

O IMPACTO DO PENTECOSTES

No 50º dia depois da Páscoa, na festa de Pentecostes, aconteceu algo em Jerusalém que causou forte impacto sobre nós. Algo que parecia ligar todos os fatos até então ocorridos. Os discípulos de Jesus achavam-se reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como de um vento impetuoso e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo. Fomos atraídos ao local por causa do som e ficamos perplexos, porque os estrangeiros residentes em Jerusalém os ouviam falar as grandezas de Deus na sua própria língua. Alguns, zombando, diziam que aqueles homens estavam embriagados, hipótese que se mostrou sem valor, pois ainda era cedo, cerca de 9 horas da manhã. Pedro tomou a palavra e juntou os últimos acontecimentos, mostrando que Jesus havia sido entregue a eles para ser crucificado pelo determinado desígnio e presciênciade Deus, ressuscitou porque não era possível que Ele fosse retido pela morte, foi exaltado à destra de Deus e recebeu do Pai a promessa do Espírito Santo para derramar sobre seus servos.

A soma das estranhas e sucessivas ocorrências, todas ligadas ao Nazareno, acabou por convencer muita gente de que Jesus era o Messias que haveria de vir. Naquele dia o número de cris-

tãos multiplicou 25 vezes. Houve uma acréscimo de quase 3 mil pessoas. Não me deixei incluir neste número. Os fatos haviam se aclarado suficientemente para mim e me rendi à evidência. Porém, entre a aceitação intelectual de um fato e a rendição da vida à soberania de Jesus, há uma distância a percorrer. Cansado de minha inércia e revoltado com minha falta de coragem, só me identifiquei plenamente com meu adorável Amigo e com os irmãos no dia que o coxo de nascença foi curado. Aquele homem de 40 anos era meu irmão...

(Embora valendo-se de dados históricos verdadeiros, este texto é pura ficção.)

7.

JESUS, O CORDEIRO E O LEÃO

*Está vestido com um manto tinto de sangue,
e o seu nome se chama o Verbo de Deus.*

Apocalipse 19.13

Os cristãos não podem abrir mão do Jesus sofredor nem do Jesus glorioso. Têm de olhar para o passado e enxergar a cruz e olhar para o futuro e enxergar a coroa. As duas estão sempre juntas; não no tempo, mas na história da salvação.

A Santa Ceia provoca a lembrança do Jesus do primeiro evento (o desfigurado) e do Jesus do segundo evento (o transfigurado). O primeiro nos dá a certeza de que o problema do pecado já está resolvido. O segundo nos dá a esperança da glória transbordante. A cruz abre caminho para a justificação; a coroa, para a glorificação.

Não podemos descartar nem a cruz nem a coroa; nem a desfiguração nem a transfiguração; nem as vestes tintas de sangue nem as vestes brancas como a luz; nem a descida aos infernos nem a subida aos mais altos céus; nem a Paixão nem a Páscoa; nem a humilhação nem a exaltação. Na sexta-feira, Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1.29). No domingo, ele é o Leão da tribo de Judá (Ap 5.5).

Sobre o autor

ELBEN M. LENZ CÉSAR é diretor-fundador da *Editora Ultimato* e redator da revista *Ultimato*. É autor de, entre outros, *Práticas Devocionais, Refeições Diárias com Jesus, Para (Melhor) Enfrentar o Sofrimento e Por Que (Sempre) Faço o Que Não Quero?*.



Caixa Postal 43 | 36570-000 | Viçosa-MG
Tel.: 31 3611-8500 | Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br